

OS ATLAS LINGÜÍSTICOS NO PARANÁ: PERCURSOS E ESTÁGIO ATUAL

Introdução

A geografia lingüística, desde a sua origem, distinguiu-se por estudos diatópicos que abrangiam o país como um todo, muitos deles extrapolando até mesmo as fronteiras geopolíticas, na delimitação das isoglossas. O atlas de George Wenker, por exemplo, embora publicado apenas um fascículo em 1881, tinha como propósito demonstrar as fronteiras dialetais da Alemanha, trabalhando apenas com dados fonéticos da língua.

Na França¹, o *Atlas Linguistique de la France* envolveu 639 localidades não só do território francês, mas também da Bélgica e da Suíça, onde são falados dialetos franceses, provençais e franco-provençais. Outros atlas como o da Suíça, da Itália, da Catalunha e dos Estados Unidos da América e Canadá, também não se restringiram às fronteiras políticas.

Normalmente a publicação de atlas nacionais suscita estudos mais detalhados em espaços geográficos de menor extensão. Com o estreitamento da rede de pontos, e conseqüente ampliação do universo de informantes, busca-se ora confirmar os dados registrados no atlas nacional, ora detectar possíveis “ilhas” lingüísticas que possam se opor às zonas de isoglossas, ora levantar arcaísmos lingüísticos.

Um movimento inverso observa-se hoje, na Europa, quando os esforços estão concentrados na elaboração do Atlas Linguarum Europae, registrando tanto dados de trabalhos mais antigos como de outros mais modernos. São métodos geolingüísticos que se alternam ou se complementam com enfoques diferentes seja na análise ou na síntese.

Na América do Sul, o Atlas Lingüístico e Etnográfico da Colômbia é mais uma prova da tendência do método geolingüístico em privilegiar atlas de grande extensão. No Chile, depois de frustradas tentativas de atlas regionais, sob a direção de Guillermo Araya, publica-se o primeiro volume do Atlas lingüístico-etnográfico del sur de Chile (ALESUCH). Para o Uruguai, Harald Thun e Adolfo Elizácin elaboram o Atlas Diatópico e Diastrático – ADDU – com base numa investigação lingüística pluridimensional: diagera-

cional, diastrática e diassexual, pesquisando as variantes lingüísticas do espanhol dentro e fora das fronteiras uruguaias. Incluem também uma investigação do português na fronteira dos territórios brasileiro e uruguaio, num raio de 150 km a partir dos limites entre os dois países.

No Brasil, a idéia de um atlas lingüístico nacional materializou-se no Decreto 30.463, de 20 de março de 1952 (CARDOSO: 1998, p. 165) e, por mais de 10 anos, contou com o empenho de Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes. Silva Neto, em 1954, ao relacionar as tarefas mais urgentes no campo da Dialectologia, coloca em último lugar a elaboração do Atlas Nacional, por crer que as sondagens preliminares, a recolha de vocabulários, as monografias etnográfico-lingüísticas sobre falares e os atlas regionais são atividades insubstituíveis para a consecução de alcance nacional (SILVA NETO: 1957, p. 11).

Dessa forma, começam a ser elaborados os primeiros atlas estaduais iniciando-se pela Bahia, com o *Atlas prévio dos falares baianos*, de Nelson Rossi, em 1963, seguido pelo *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (1977), de José Ribeiro e colegas, do *Atlas Lingüístico da Paraíba* (1984), de Cleuza Menezes e Maria do Socorro Aragão, do *Atlas Lingüístico de Sergipe* (1987), de Carlota Ferreira e colegas, e o *Atlas Lingüístico do Paraná* (1994), de Aguilera. Além desses que já estão publicados, outros estão em andamento como o Atlas Lingüístico do Ceará e o Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul. Os métodos, os dados e a experiência desses autores e a iniciativa de Suzana Alice Cardoso e Jacyra Mota, da UFBA, com a realização do Seminário Caminhos e perspectivas da Geolingüística no Brasil, em novembro de 1996, dão impulso ao Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil que, em sua base, propõe, entre outros objetivos, “descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas nas perspectivas da Geolingüística”. Chega-se, então, no fechar do milênio com um projeto nacional e interinstitucional.

¹ Excetua-se o primeiro atlas de Gilliéron, *O Petit Atlas Phonétique du Volais Roman* (1881), da região do Sul do Rhône.

1 Primeiras informações sobre os falares paranaenses

As primeiras observações das diferenças lingüísticas paranaenses datam do início do século XIX, quando, viajando por várias províncias brasileiras, o cientista francês Auguste de Saint-Hilaire registra o mais antigo testemunho, de que se tem notícia, sobre o português falado pelos habitantes dos Campos Gerais do Paraná:

Não é, pois, de se admirar que os habitantes dos Campos Gerais, apesar de sua profunda ignorância, falem um português muito mais correto do que os que habitam os arredores da cidade de São Paulo; eles não pronunciam, por exemplo, o ch como se fosse ts, nem o g como dz (...). (apud Mercer, 1992: 26).

Segundo Mercer (1992: 28), outras informações sobre a linguagem do Paraná do início do século XIX foram dadas pelo escritor paranaense Salvador José Correia Coelho num livro sobre as recordações de viagem que fez ao interior do Estado em 1844. Em duas passagens, salienta a influência castelhana sobre o modo de falar paranaense, ressaltando a presença constante de interjeições, hipérbolos e *bravatas espanholas*.

Os comentários desses dois observadores sobre a realidade lingüística paranaense são exíguos e superficiais. Assim, o primeiro registro sistemático dos falares paranaenses pode ser considerado o trabalho do General José Cândido da Silva Muricy, sintetizado e apresentado por Andrade MURICY durante o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, no Rio de Janeiro, em 1938, sob o título *Algumas vozes regionais do Paraná do Extremo Oeste*. Trata-se de uma compilação, sob a forma de vocabulário, do vasto material coletado sobre as vozes mais características do dialeto falado no Extremo Oeste paranaense, mais precisamente na antiga e extinta República Teocrática do Guaíra, a famosa Vila-Rica dos Jesuítas.

Segundo Andrade Muricy, o General paranaense, em “*sucessivas excursões ao sertão bruto do Paraná*” captou naquele grande mundo virgem “*abundante e vivo manancial do linguajar local, sem nenhum eruditismo intencional, através de anedotas, de cenas, de narrativas, de solilóquios de toda natureza em que só o que é autêntico aparece, na sua pureza intacta*” (1938: 576).

Embora o autor tivesse pretendido selecionar os vocábulos que indicavam um autêntico falar paranaense, na maioria das vezes o que temos são variantes lexicais do falar caipira brasileiro muitos dos quais constituem verdadeiros arcaísmos, ou variantes fônicas da fala padrão, ou mesmo da fala rural brasileira, como se pode observar em alguns exemplos: *adonde* (aonde), *amó que*, *amode que* (a modos que, parece que), *antão* (então), *aquentar o sol* (aquecer-se ao sol), *arreganhado* (cavalo cansado), *aspa* (chifre do animal), *banda* (lado), *campear* (procurar).

O trabalho, no entanto, reveste-se de valor incontestável uma vez que permite comparar vocábulos

e expressões do século passado vigentes em regiões agrestes, ainda imersas nas florestas, com as existentes na fala rural e mesmo urbana em todo o Estado.

2 Dos estudos dialetológicos sistematizados aos atlas lingüísticos

Os primeiros estudos acadêmicos, portanto sistemáticos, dos falares paranaenses são impulsionados principalmente pela Universidade Federal do Paraná e elegem como objeto de estudo a linguagem do sul e litoral paranaenses, em particular da baía de Guaraqueçaba, primeiro ponto explorado pelos portugueses e paulistas no século XVII. Sobre o falar guaraqueçabano, dedicaram-se AMARAL (1952), ALVAR e ALVAR (1979) e MERCER (1979).

A primeira, Serafina Taub do AMARAL, no capítulo referente ao léxico, expõe algumas especificidades dialetais registradas no litoral paranaense a partir de sua *Contribuição para um inquérito lingüístico no litoral do Paraná*. Faz algumas observações de ordem fonética, como a ausência do fonema construtivo palatal, como em *Iórie* (por Jorge), *ingreia* (por igreja), a desnasalização (*fândango*, *bánána*) e a articulação do fonema lateral alveolar em trava silábica ora como vibrante retroflexa, ora como semivogal (*arquere*, *eis*, *caine*) (por alqueire, eles, carne). Dedicou também uma seção ao vocabulário referente aos campos semânticos da natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, plantas e animais.

Manuel e Janine ALVAR iniciam uma pesquisa etnográfica na mesma região litorânea de Guaraqueçaba, no ano de 1973. Publicada em dois volumes, registra no primeiro um Glossário com mais de 2.000 vocábulos. O segundo, de caráter etnográfico, traz gravuras e nomes dos instrumentos de trabalho e dos objetos da cultura dos caiçaras, além de elementos da flora e da fauna locais. É o primeiro trabalho etnolingüístico a registrar esses elementos através do desenho. Nesta obra lançam a proposta da elaboração de um atlas lingüístico do Paraná.

MERCER (1979), com a tese de doutorado *Le lexique technique des pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil)*, em três volumes, apresenta, além de um extenso glossário da pesca, um estudo das origens históricas da localidade e dos principais traços fonológicos, prosódicos, fonéticos e morfossintáticos da fala guaraqueçabana.

Dois outros estudos da linguagem paranaense merecem destaque: de FILIPAK (1976) e de TONIOLO (1981). O primeiro, no *Glossário do Vale do Iguaçu*, registra mais de quatrocentos vocábulos coletados em localidades do sul paranaense, mais especificamente no Vale do rio Iguaçu, região colonizada no final do século passado e início do atual por contínuas levas de imigrantes e reimigrantes poloneses, alemães, russos, italianos e ucranianos. Trata-se de um elenco de 460 verbetes, muitos dos quais, embora não dicionarizados ou dicionarizados com significados diferentes, pertencem não só à linguagem rural paranaense, mas à linguagem padrão comum a outras regiões brasileiras,

como: *aceiro* (faixa de terreno capinado ou arado para impedir o avanço do fogo nas queimadas das roças); *araticum* (fruto da família das anonáceas); *bor-nal* (saco de pano ou taquara); *coivara* (galhos, ramagens, troncos de árvores que não foram queimados totalmente nas roças), *destripar o mico* (vomitar).

Toniolo (1981), por sua vez, a partir de alentada pesquisa de campo desenvolvida durante os anos de 1975 a 1978, no interior do município de Tibagi, no centro-sul, apresenta seu *Vocabulário*. Registra e comenta cerca de oitocentos vocábulos, muitos dos quais não são exclusivos daquela região, mas próprios da linguagem rural brasileira como um todo ou de significativa extensão territorial, como se pode verificar em *arroio* (por córrego, rio pequeno), *bainha* (por vagem), *banhado*, (por brejo), *barra* (por foz ou ponto em que dois rios se cruzam), *guaxo* (animal criado com leite não-materno), *fuzilo* (por relâmpago), *intendente* (por parteira), *piruá* (por grão de milho que não rebenta quando se faz pipoca).

Esses primeiros estudos, como se pôde observar, demonstram o interesse que os estudos dialetológicos vinham despertando, muitos dos quais já ressaltavam a importância de se fazer um Atlas Lingüístico do Estado.

No entanto, a geolingüística no Paraná só começa a ganhar corpo quase um quarto de século depois dos estudos pioneiros da Bahia, ou seja, na década de 1980, com o Esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina (EALLO) (AGUILERA: 1987) e com o Atlas lingüístico de Ortigueira (AGUILERA: 1992), ainda inédito. Ambos os trabalhos se constituíram em etapas de sondagem para o Atlas Lingüístico do Paraná, publicado em 1994 (o volume das cartas).

O EALLO teve como objetivos: a) registrar as variantes lexicais e fonéticas em 11 comunidades rurais e uma urbana do município londrinense; b) traçar possíveis áreas de isoglossas e c) verificar a influência do elemento indígena, no caso, o kaingang sobre o falar local. Na primeira parte, além da discussão da metodologia adotada, apresenta um estudo sobre os aspectos lingüísticos da fala londrinense, ressaltando as variantes fonéticas e as variantes lexicais. Na segunda, apresenta um esboço de atlas com 80 cartas analítico-sintéticas, (45 lexicais e 35 fonéticas), e 6 sintéticas ou de isoglossas, permitindo observar que, mesmo dentro de um espaço mais restrito, a língua não é homogênea, sofre variações de toda ordem: fonético-fonológica, léxico-semântica e morfossintática, sujeita que está a variáveis lingüísticas, sociais e situacionais. A carta 6 (anexo 1) para *arco-íris* indica uma primeira divisão diatópica dos falares londrinenses: uma que se prende ao falar urbano, e outra a leste e sul que se prende ao falar rural das regiões mais antigas, com a variante *arco-da-velha/arco-de-velho*. Este fato pode ser explicado pelos fatores histórico-sociais que nortearam a colonização do Norte Paranaense, motivada pela expansão do plantio de café, na primeira metade deste século, e o movimento de ocupação precedente do sul do Estado, pelos criadores de suínos e cultivadores de milho no final do século passado.

O segundo atlas municipal estuda a distribuição diatópica lexical e fonética em Ortigueira, município localizado ao sul de Londrina, distante cerca de 150 km e cortado pela serra do Cadeado, portanto solo bastante acidentado que dificulta o acesso a muitos bairros rurais. Essa topografia irregular motivou um estudo geolingüístico levado a efeito entre 1988 e 1992 com vistas a registrar arcaísmos léxico-semânticos e fonético-fonológicos, considerando como fator determinante o isolacionismo de determinadas áreas devido a essa topografia acidentada. Investigados 16 pontos rurais e 3 urbanos, através de um extrato do Questionário do Atlas Lingüístico do Paraná, como produto final elaboraram-se 130 cartas, das quais 79 são lexicais e 51 fonéticas. Novamente comprova-se que a língua é um sistema heteróclito de variantes, como se pode observar pela carta 8, com as variantes para o conceito *trilho* (anexo 2). A análise da distribuição diatópica das variantes *trilho/carreiro* indica que Ortigueira está no limite entre o falar nortista e sulista paranaense, uma vez que ambas as formas se interseccionam: a primeira forma, mais produtiva no norte, irradia-se para o sul, o inverso ocorrendo com a forma *carreiro*, característica do sul que se irradia para o norte. O mesmo fato pode ser comprovado pela comparação de outras cartas do Atlas de Ortigueira com as do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), que abordam temas comuns.

O ALPR, concluído em 1990 e publicado em 1994, compõe-se de 92 cartas lexicais, 70 fonéticas e 29 de isoglossas. Algumas cartas fonéticas permitem visualizar duas grandes áreas de isófonas que dividem o falar do Norte e do Sul paranaenses: a manutenção das vogais média-altas posterior e anterior /o/ e /e/, em posição inacentuada e final absoluto, no Sul, ou seu alçamento para /u/ e /i/ no Norte. Outro fato fonético que pode ser considerado como distintivo dessas regiões é a distribuição diatópica do /R/ inicial em vocábulo e em sílaba, que se realiza como posterior velar ou uvular no Norte, e anterior, ou alveolar múltiplo no Sul.

As cartas lexicais, por sua vez, documentam várias distribuições que, a rigor não são homogêneas mas apresentam claramente os pontos de irradiação. Em primeiro lugar pode-se comprovar a resistência de vocábulos tupis, como a carta 177 para *jojoca* (solução) (anexo 3) no território denominado Paraná Tradicional, partindo da região litorânea de Guaraqueçaba, ponto 46 e expandindo-se no sentido leste-oeste e sul-norte.

Em segundo lugar, verifica-se a predominância de vocábulos populares na designação de certos conceitos como a carta 70 (anexo 4), *capela*, para pálpebras. Com menor abrangência, temos outras designações rurais populares e arcaicas como *cuitelo*, *cuitelinho* para beija-flor; *garrão* para tornozelo ou calcanhar; *fuzilo* para raio; *tromenta* para tempestade e *dente do quexá* para os molares.

Em terceiro lugar, há uma série de cartas lexicais que aponta para a divisão dialetal N e S paranaenses, como *sarilho/manivela* (anexo 5).

Considerações finais

Os fatos lingüísticos documentados nas cartas do ALPR ensejam, a cada leitura, elementos que podem ser comparados com variáveis extralingüísticas como, por exemplo, fatos históricos e econômicos da ocupação do território. É o caso do Caminho do Peabiru, trilha pré-colombiana que servia de acesso aos nativos do Oceano Atlântico ao Pacífico, segmentando o território paranaense na linha aproximada que divide os falares do Norte e Sul do Estado. Outro é o Caminho dos Tropeiros que, durante mais de um século, serviu de ligação entre Viamão, no RS, e Sorocaba, em SP, ao longo do qual se formaram muitos municípios paranaenses.

Por outro lado, as entrevistas transcritas compõem um conjunto de 13 volumes que têm servido de *corpora* para diversos trabalhos acadêmicos, como a elaboração de cartas complementares com o aproveitamento do material não cartografado, análise do discurso rural, investigação sobre as lendas e credences, entre outros. Outras pesquisas estão sendo levadas a efeito considerando aspectos históricos singulares. É o caso, por exemplo, do Projeto do Atlas Lingüístico de Cândido de Abreu (Lino e equipe), no centro do Paraná, e do Projeto do Atlas Lingüístico de Adrianópolis (Altino, Cabral e equipe), ao sul, no vale do rio Ribeira, que serão apresentados nesta sessão.

Além disso, os atlas lingüísticos oferecem também inesgotável material para subsidiar estudos interdisciplinares, como a antropologia, a etnolingüística, o folclore, a lexicologia e a sociolingüística, entre outros. Muito do que se publicou pode fornecer elementos importantes para uma descrição da linguagem paranaense. E mais ainda poderá ser feito quando estiverem disponíveis para os pesquisadores os dados do Atlas lingüístico e etnográfico da Região Sul – ALERS, coordenado por Koch, cuja publicação está sendo esperada para muito breve.

Bibliografia

- AGUILERA, Vanderci. de Andrade. *Aspectos lingüísticos da fala londrinense*. Esboço de um atlas lingüístico de Londrina. Assis: UNESP, 1987, dissertação de mestrado.
- _____. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná: 1994.
- _____. *Atlas lingüístico de Ortigueira*. Londrina: UEL, versão original, 1993.
- AMARAL, Serafina Taub Borges do. Contribuição para um inquérito lingüístico no litoral do Paraná. *Letras*, 5/6: 157-66, dez., 1956.
- ALVAR, Manuel e ALVAR, Jeanine. *Guaraqueçaba: mar e mata*. Curitiba: UFPR, 1986. CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Atlas Lingüístico do Brasil: um projeto nacional. *A geolingüística no Brasil*. AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). Londrina: EUER, 1998.
- FILIPAK, Francisco & SICURO, Néilson. *Antologia do Vale do Iguaçu*. União da Vitória: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União Vitória, 1976. (Coleção Vale do Iguaçu, n.º 24).
- MERCER, José Luiz da Veiga. *Le lexique technique des pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil)*. Toulouse: Univ. de Toulouse II, 1979, tese de doutorado.
- _____. *Áreas fonéticas do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1992, tese para inscrição no concurso para Professor Titular. 2 v.
- MURICY, Andrade. Algumas vozes regionais do Paraná do Extremo Oeste. *Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*, Rio de Janeiro: 1938.
- SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2 ed. Belém: [s.ed.] 1957.
- TONIOLO, Enio. *Vocabulário de Tibagi*. Apucarana: Fundação Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana, 1981.

ANEXO 1

ESBOÇO DE UM
ATLAS
LINGÜÍSTICO DE
LONDRINA

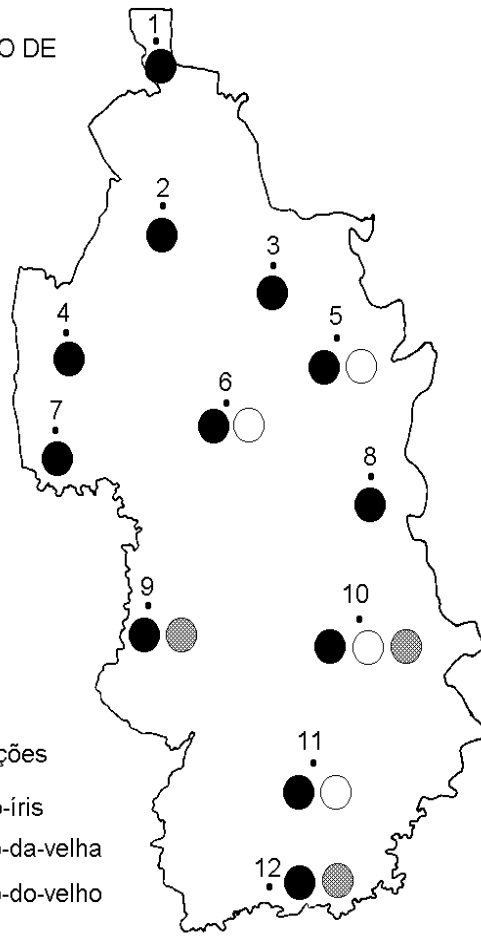
Carta 6

ARCO-ÍRIS

Pergunta 33

Convenções

- arco-íris
- arco-da-velha
- ◐ arco-do-velho

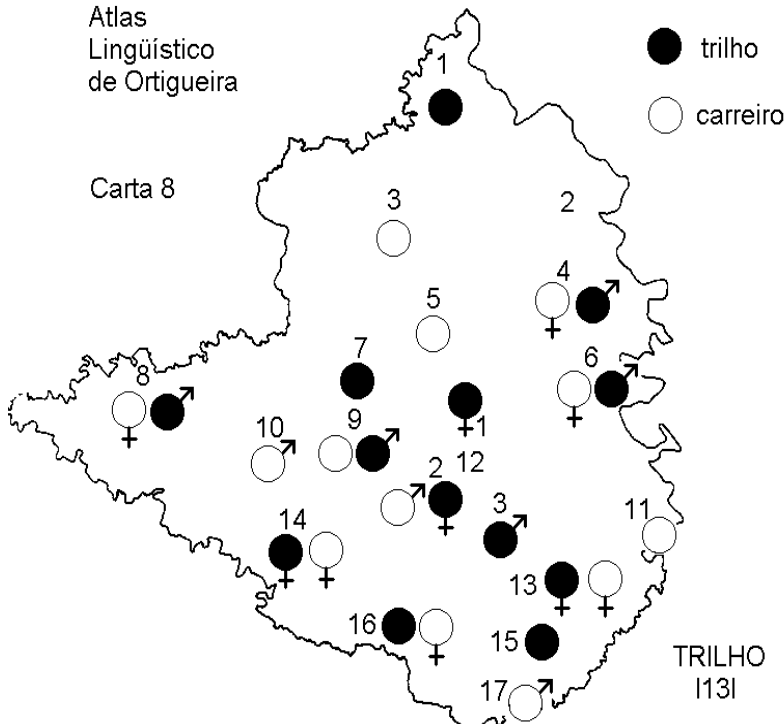


ANEXO 2

Atlas
Lingüístico
de Ortigueira

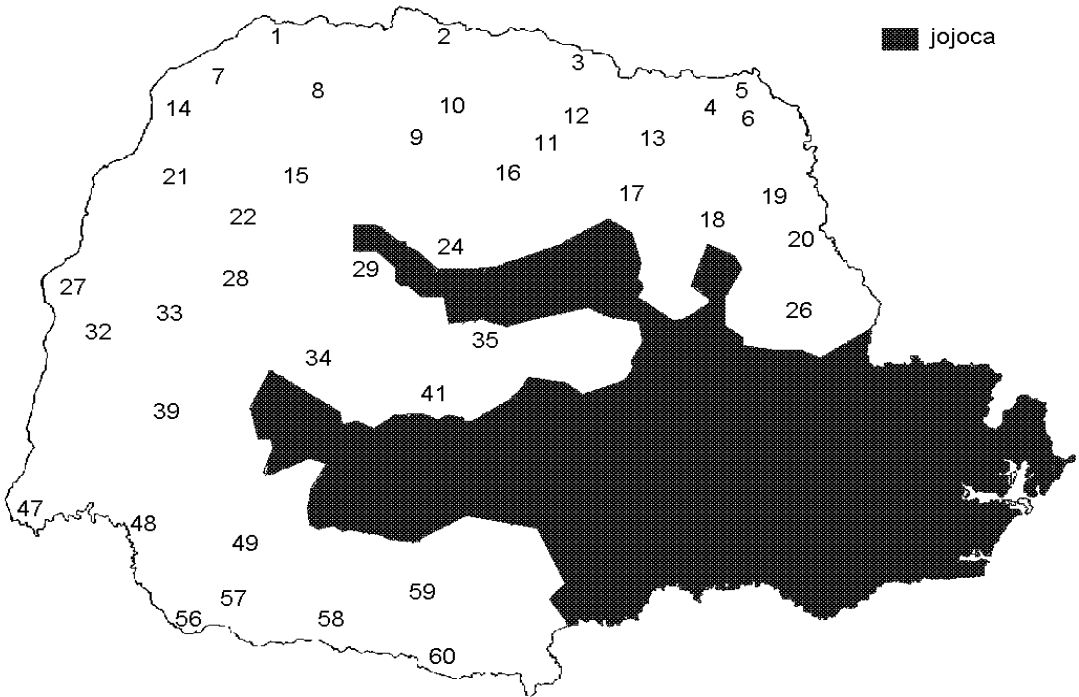
Carta 8

- trilho
- carreiro



TRILHO
1131

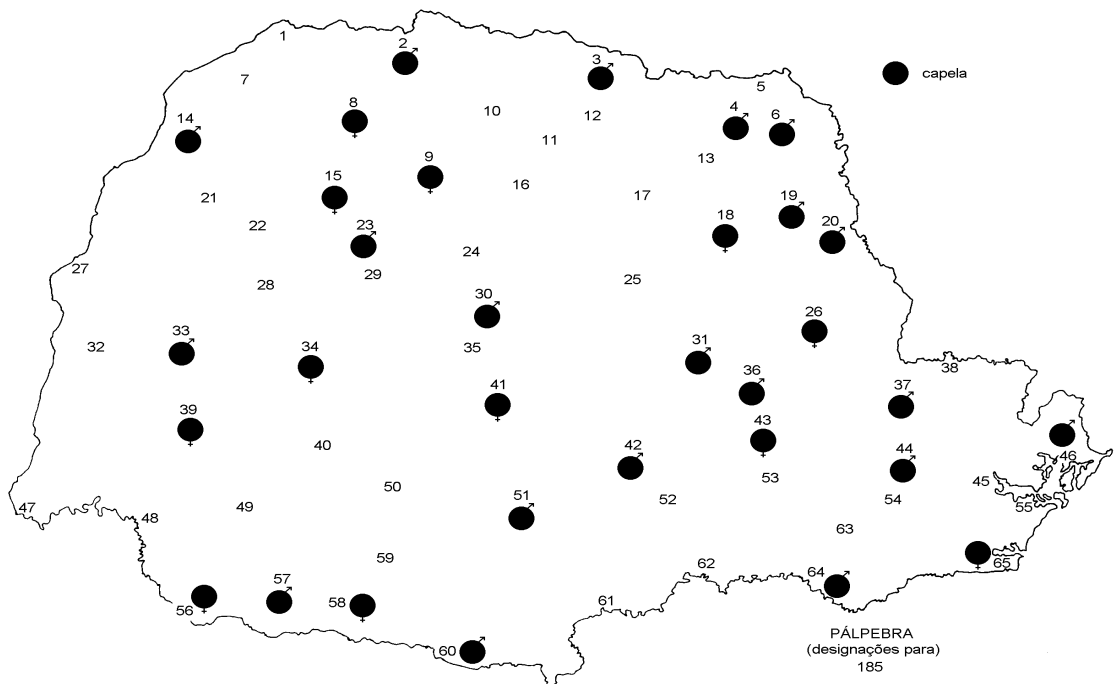
ANEXO 3



ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

Carta 177

ANEXO 4

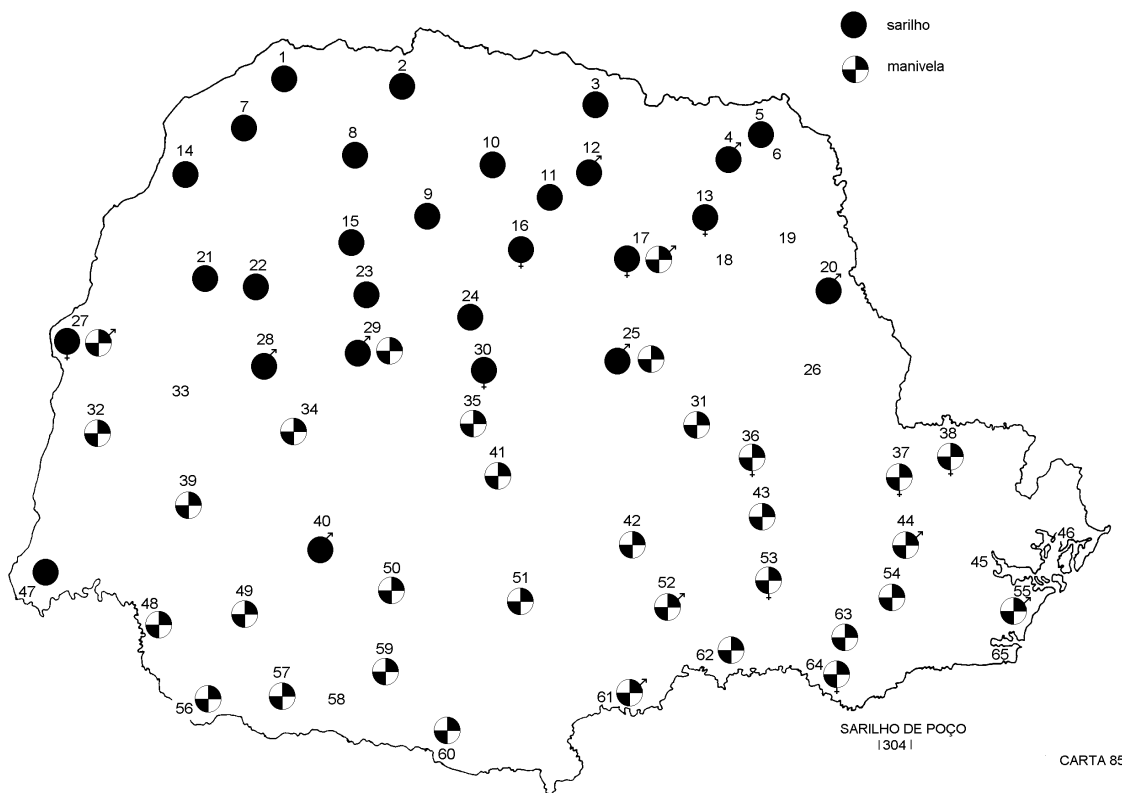


PÁLPEBRA
(designações para)
185

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 70

ANEXO 5



ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ